

# Opinião



EDUARDO JORGE MADUREIRA LOPES

osdiasdasemana@gmail.com

OS DIAS DA SEMANA

## Tudo por um clique

A comunicação digital conjuga-se com verbos peculiares: clicar, gostar, partilhar e viralizar, por exemplo. O clique é o que mais importa. Os títulos noticiosos são, por isso, cada vez mais, redigidos como apelos irresistíveis a uma visualização, para o que, frequentemente, replicam estratégias que comprovadamente funcionam como eficazes chamarizes de atenção. Eis alguns exemplos:

*“Adepto do Real Madrid protagoniza vídeo surpreendente que já é viral”.*

Se é “viral”, é sempre para ver. Além de “viral”, é “surpreendente”. E, sim, também é sobre o futebol. A não perder, portanto. Mesmo que não se perceba por que é “viral”, correspondeu-se ao pretendido: corroborar a viralidade.

*“Bombeiro coloca a vida em perigo para salvar esta cegonha. Saiba qual foi a recompensa”.*

Quando nos instilam uma dúvida, não é fácil deixá-la por esclarecer. Qual terá sido, afinal, a recompensa?

*“Câmara de filmar de restaurante surpreende casal a fazer o que não devia. Veja o vídeo”.*

A indiscrição é um isco eficaz. Como há vídeos instalados em todo o lado, há que rentabilizar as imagens filmadas.

*“Cão não sai do pátio do tribunal onde o dono se arrisca a alguns anos de cadeia. Saiba como reagiu quando o tentaram afastar do local”.*

Qualquer pequena história com animais é promissora. Como resistir a mais uma?

*“Confira a lista do Bastante Mais Futebol dos dez melhores futebolistas europeus de sempre”.*

A generalidade das listas sobre os dez melhores de qualquer coisa não dispensa consulta, desde logo para conferir se coincide com a lista que cada um gostaria de apresentar.

*“Conheça o bebé português que levou às lágrimas a primeira-dama do Turquemenistão”.*

Feitos protagonizados por portugueses são imperdíveis. O bebé, e a sua simplicidade, que comove quem se presume ser imune ao sentimentalismo, merece ser descoberta.

*“Criança cai de ravina e é salva por um faisão”.*

O insólito chama habitualmente a atenção e a combinação de uma criança com uma ave ou com um animal é sempre um bônus não negligenciável.

*“Discussão de aluna com professor de educação física torna-se viral”.*

Todas as trapalhadas nas escolas têm vasta e segura audiência. Mas não se pode facilitar. Acrescente-se, pois, o rótulo de “viral”.

*“Estudo científico comprova que todos podem cumprir facilmente a regra número um para evitar o cancro”.*

As notícias que querem o bem da nossa saúde merecem consideração e clique.

*“Internautas escolhem os 2000 melhores dos mais*

*baratos restaurantes portugueses. Descubra o mais próximo de si”.*

A gastronomia e a restauração são temas omnipresentes. Às vezes, pede-se o voto para multiplicar os cliques.

*“Kim Kardashian leu um livro e relata a experiência”.*

Kim Kardashian é sempre um assunto do momento, um permanente *trending topic*.

*“Nu integral da protagonista de ‘Qualquer um cai’ provoca escândalo. Saiba porque”.*

Se há escândalo, há que ver. Como se não fosse suficiente o anúncio de nudez.

*“O que elas julgam que os homens gostam de ouvir, mas estão enganadas” ou “O que eles julgam que as mulheres gostam de ouvir, mas estão enganados”.*

A promessa de um abalo de uma convicção reclama que se verifique se a convicção é abalada.

*“Padre acusa catequista e incendeia as redes sociais. Já há três manifestações marcadas”.*

A curiosidade fica aguçada em relação a seja o que for que se diga que provocou um incêndio nas redes sociais. Um sarilho que se apresenta com um padre como protagonista tem clique garantido.

*“Pobre devolve raspadinha premiada com 11 mil euros, mas é espancado pelo dono”.*

A malvadez incomoda-nos. É preciso clicar para ver até onde pode ir tão ruim sentimento.

*“Polémica. O que o ministro fez sem saber que estava a ser filmado”.*

Se tem a palavra “polémica”, não é preciso reparar em mais nada. Clica-se de imediato.

*“Ronaldo surpreende ginecologista com gesto enternecedor”.*

Ronaldo é sempre clicável. E, por enquanto, as querelas entre Georgina (que alguma imprensa gosta de tratar por Gio) e Dolores Aveiro também rendem abundantes visualizações.

*“Saiba qual é o documento comprometedor que a Maçonaria esconde” ou “Saiba qual é o documento comprometedor que o Opus Dei esconde”.*

O anúncio de um segredo desvendado é irresistível. Mais um clique.

Estes títulos, assaz idênticos aos mais banais que todos os dias se encontram nas várias plataformas que difundem notícias, são sobretudo exemplos de pedidos de cliques. Pretendem-se tentadores, mas são unicamente extorsões de tempo.



P. RUI ROSAS DA SILVA

## Uma ideologia em moda: a ideologia do género

Muito em moda se encontra uma certa ideologia que é conhecida como “ideologia do género”. Com ela pretende-se, ao fim e ao cabo, dizer que o homem não é um ser sexuado por natureza, mas antes que pode escolher por sua livre vontade ser homem ou mulher, já que, em última análise, tudo isso depende do que determinar a sua liberdade.

Talvez melhor: não se trata de ser homem ou mulher, no sentido tradicional do termo, mas de assumir uma orientação para a sua vida de relação de acordo com o que o que entender mais propício. Não existe, assim, o sexo propriamente dito, mas antes um género – masculino, feminino, indeterminado, assumido, etc. –, que a sociedade deve respeitar como uma manifestação da condição livre do ser humano. Cada um é não o que a natureza determina como homem ou mulher, mas aquilo que achar melhor.

É muito difícil, senão impossível, para um cristão aceitar esta visão do ser humano. A Bíblia diz claramente no Génesis: “Deus criou o homem à sua imagem, criou-o à imagem de Deus, e criou-os homem e mulher. E Deus abençoou-os, dizendo-lhes: “Procriai e multiplicai-vos...” (Gn 1, 27-28). O facto de existir o ser humano como homem e mulher não é fruto de uma singela opção de qualquer um de nós, mas antes uma determinação criadora do próprio Deus, que o incita a aproveitar-se desta sua condição naturalmente sexuada, para crescer e encher a terra, que põe à sua disposição.

O século XX foi uma etapa da evolução histórica, recheada de ideologias. Nem sempre são respeitadoras da liberdade humana, ainda que se erijam como as verdadeiras defensoras de tudo o que o homem é capaz de fazer em relação ao bem e à sua defesa. Procuram ajustá-lo ao que elas defendem, tornam-se juízes da única e melhor forma da sociedade se organizar e, com facilidade, transformam-se nas ditaduras mais prepotentes e cruéis que a evolução das nossas sociedades conheceu. Do século XX são o comunismo e o nazismo. Destes sistemas políticos e sociais resultaram, sem piedade, muitíssimos milhões de vítimas dos seus discriçãoários e aparentes valores. Felizmente, que um e outro já desapareceram quase por completo ou, na sua evolução, se modificaram de tal maneira que, nos nossos dias, são uma sombra muito tênue das suas pretensões revolucionárias iniciais. E se se mantêm no poder, só o conseguem continuando a ser ditaduras, para as quais a liberdade do ser humano é uma realidade secundária. Há dias, no noticiário duma emissora de televisão, informava-se que numa zona de um país ainda comunista, as autoridades obrigavam os cristãos, nas suas casas particulares, a substituir imagens de Cristo pela do presidente dessa república.

Os defensores da ideologia do género consideram-se à frente de todo o manancial de ideias e de soluções para o homem. E não se preocupam muito em respeitar as convicções profundas da sociedade onde vivem. Se podem, mesmo sub-repticiamente, fazer constar numa legislação algum dos seus pressupostos, não hesitam, talvez por se considerarem como os *leaders* incontestáveis das propostas do porvir.

Volta a recordar-se: para um cristão, é uma violência pensar que o ser humano tem um “género” à sua escolha. Na realidade, por vontade do criador, existe um ser racional e livre, que é homem ou mulher, sexualmente distintos e complementares. Deus incumbiu-os, quando se unem de forma generosa e voluntária, numa entrega total à vontade de Quem lhes deu essa possibilidade, de fazer surgir novas criaturas da nossa espécie. Para elas está reservado um futuro de felicidade total e absoluta, a que vulgarmente chamamos Céu.